

*82*

# *Kraolândia, onde os pahhiti...*

Onde a inhuma ainda tem seu abrigo, junto às lagoas margeantes das águas brilhantes do Rio Vermelho; onde o campeiro, o mateiro, o catingueiro e o galheiro podem saltar descontraídos, sem mesmo temer muito os farejos da onça pintada, que anda preferindo os cães e porcos dos sertanejos; onde as araras vermelha, amarela e azul colorem a paisagem de alegria e liberdade; onde a cutia, a paca e o caitetu se associam à lontra, à capivara e à anta e se esquivam de tornar-se recheio do "berubu" (1), oferecendo motivos de piôs e grunhidos zombeteiros de garças, gaviões, socôs e papagaios, num festival de risos para bandos de soins moleques; onde, enfim, se tem à farta o buriti, a bacaba, o bacuri, o murici e o jenipapo, o cajui, o pequi...

Não, não é um Éden perdido ou desconhecido à espera do devastador! Não é uma terra "onde correm o leite e o mel" - ou pode até ser, enquanto isso seja designativo de um solo não muito fértil, onde há terras áridas, areões e cascalheiras. Não é, absolutamente, uma "terra-sem-males"! Mas, é uma terra habitada. Um povo conseguiu ainda preservá-la um pouco da abominação dos que a buscam apenas como meio de lucro.

Kraolândia - terra dos **Krahô!** Um povo que conheceu mais que mil dias de infortúnio, de perseguição, forçado

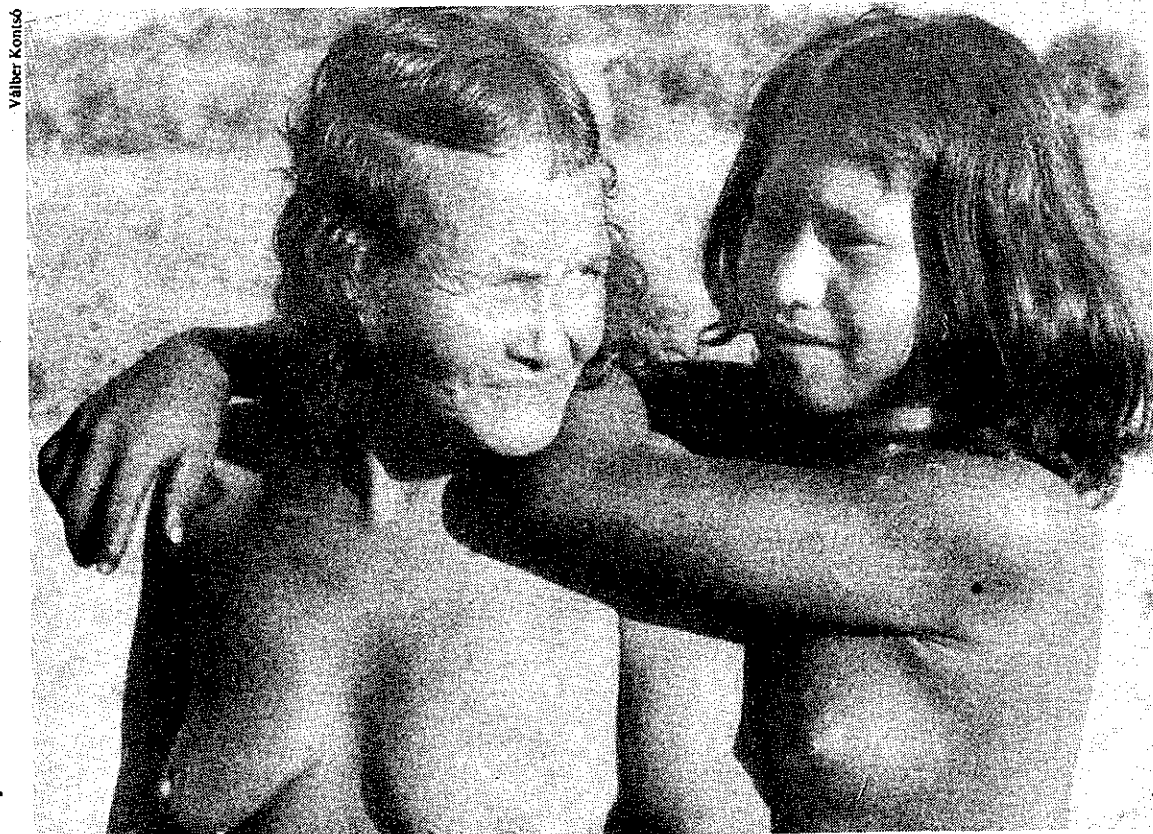
a abandonar as encostas caladas do Wokrã, morro sagrado na memória do grupo **Timbira**. Conheceu o exílio em Pedro Afonso. Foi massacrado por fazendeiros gananciosos, em 1940. Uma nação que viu seus chefes convertidos em "capitães" de brincadeiras, submetidos ao arbítrio externo. Uma gente que, mesmo fugindo, não saiu de si mesma e não se desligou de sua história. Uma história que ofereceu espaço a que, em noites de cantorias alegres ou tristes, os líderes submetidos, com o conselho dos velhos e a força pacífica das mulheres, encontrassem sempre uma reserva de resistência a manter acesa a chama da identidade étnica.

E houve um marco histórico do ressurgimento de um povo. Foi no janeiro de 1982. Nos jornais, no rádio e na televisão, o Brasil ficou conhecendo um povo que tomou consciência de si e, com muita determinação, levantou a cabeça e convocou seus chefes a reassumir seu lugar de pahhiti (2) - um governo Krahô para os habitantes da Kraolândia.

(1) bolo de mandioca recheado de carne - "bolo comunitário"

(2) chefe maior do povo Krahô

**Válber Kontsó**



Duas gerações - avó e neta Krahô, na aldeia Santa Cruz

Válber Kontsó